

REFLEXOS DO EXISTENCIALISMO NO CONTO “O MURO”.

Rafhael Borgato, Antônio Donizeti Pires. – Inter-áreas – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar brevemente a manifestação da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre no âmbito artístico, mais especificamente em sua produção literária. Para isso, analisarei o conto “O Muro”, traçando um paralelo deste com alguns conceitos da teoria filosófica sartriana.

O conto nos apresenta, inicialmente, três prisioneiros das tropas fascistas que são condenados à morte em meio à guerra civil espanhola. As impressões deles sobre o que está para acontecer são passadas ao leitor através das palavras de Pablo Ibbieta, o narrador da história, condenado ao pelotão de fuzilamento por ter se recusado a revelar o paradeiro de seu colega de luta, Ramón Gris, mais importante para o grupo do que ele. Inicialmente, Ibbieta divide com seus dois companheiros de cela a agonia de ver sua existência chegando ao fim. Sua luta idealista, suas aventuras amorosas, tudo parece desmoronar frente à certeza de que em pouco tempo ele simplesmente deixará de existir, de que tudo com o que se preocupava até então havia sido em vão.

A presença do médico belga na cela apenas faz aumentar o desamparo dos condenados. Ele está lá justamente para analisar as sensações físicas que aqueles que têm a certeza de que a hora de sua morte está próxima experimentam. Observa os prisioneiros com uma frieza cirúrgica, contudo, não é isso o que faz aumentar a agonia de Ibbieta e dos outros, mas sim o fato de o médico ser uma pessoa realmente viva. Conquanto eles, os condenados, ainda estejam lá fisicamente, já não conseguem mais ter o mesmo sentimento mundano que o médico belga. O ambiente é irrelevante, tudo que os cerca, o passado; tudo podia fazer sentido antes, mas não faz mais agora que eles têm a certeza de que não são imortais.

Há uma *peripécia* quando os companheiros de Ibbieta são levados para o pelotão de fuzilamento e ele se vê sozinho na cela. Refletindo sobre seu passado, suas conquistas, tudo que ele antes julgava tão importante e que agora parece sem sentido, ele deixa seu sentimento de agonia passar para um estado de indiferença. De repente, viver já não tem mais sentido. Mesmo que ele recebesse a liberdade, já não faria mais diferença. A existência se apresenta efêmera e fugaz; nada mais parece valer a pena. É relevante observar que, se Ibbieta passa a desprezar a existência e negar seus antigos valores, é porque era antes tomado pela expectativa de que a moral a qual ele tomava para si era aquela a ser seguida pelo fato de ser exemplar e justificar a existência. A certeza de sua mortalidade faz com que ele tome uma atitude de negação perante o que antes acreditava, pelo simples fato de que antes acreditava em algo. O não-ser, a negação, “surge sempre nos limites da espera humana [...] o mundo não revela seus não-seres a quem não os colocou previamente como possibilidades” (SARTRE, 1997, p.47).

Um dos princípios da filosofia existencialista de Sartre é que quando se diz que o homem é *responsável* por si próprio, não se quer dizer que ele é *responsável* pela sua restrita individualidade, mas sim por todos os homens (SARTRE, 1970, p. 218). Vê-se isso em “O muro”, quando Ibbieta passa a desprezar os homens ao seu redor pelo simples fato de eles ainda se apegarem à vida. Como no momento em que os guardas tentam convencê-lo a entregar Ramón Gris em troca de sua liberdade:

Aqueles dois sujeitos agaloados com chicotes e botas eram, no entanto, homens que também iam morrer. Um pouco mais tarde do que eu, mas não muito. E eles se ocupavam em procurar nomes em sua papelada inútil, correr atrás de outros homens para prendê-los ou eliminá-los; tinham opiniões sobre o futuro da Espanha e sobre outros assuntos. Suas atividadezinhas me pareciam chocantes e burlescas; não conseguia

mais me colocar em seus lugares; tinha a impressão de que estavam loucos. (SARTRE, 2005, p.28)

Vemos que Ibbieta não se limita a guardar para si sua certeza da inutilidade de uma vida cheia de ações que não levarão a nada. Ele acaba demonstrando uma certa preocupação pelo fato de haver pessoas que não pensam como ele. É o sentimento de *responsabilidade* pelos outros homens. O fato de eles não terem a mesma visão de vida, faz com que Ibbieta tenha um sentimento de frustração e chegue a desprezá-los por isso.

O condenado narrador assume uma atitude *niilista*. Não tem mais ideais, o mundo lhe é indiferente, não gosta mais das pessoas de que costumava gostar, não se importa mais com o futuro da humanidade. Acaba por entregar, sem querer, seu antigo companheiro de luta, Ramón Gris. Revela um paradeiro qualquer, apenas por brincadeira, para fazer com que os guardas façam uma busca desesperada e vã, mas, por *ironia*, este se revela o verdadeiro esconderijo de Gris. Para Sartre, o homem nadifica, isto é, torna nada, através da *ironia*, aquilo mesmo que diz; “[...] faz crer para não ser acreditado, afirma para negar e nega para afirmar; cria um objeto positivo que, no entanto, não possui outro ser senão seu nada” (SARTRE, 1997, p. 92).

Ibbieta escapa da condenação e acaba por desatar a rir ao saber que ele realmente delatara seu amigo, mesmo que sem intenção. Há aí uma dualidade; podemos interpretar que Ibbieta não ri apenas da situação irônica, mostrando assim seu desprezo por tudo aquilo que antes julgava dogmático para si, mas também que sua gargalhada representa a alegria incontida por se ver livre e ainda com tempo de vida pela frente, mesmo tendo consciência de sua efemeridade. É nesta dualidade que se constitui a linha tênue para se considerar se Ibbieta age ou não de *má-fé*. Ora, se este o conceito de *má-fé* se constitui a partir do mentir para si mesmo, conhecer uma verdade, mas se enganar, preferindo conviver com a mentira (SARTRE, 1970, p.260), a alegria incontida do ex-condenado perante sua absolvição e perante a chance de ainda ter um sopro de vida pode se revelar como uma conduta de *má-fé* do mesmo: aquele que tem consciência da efemeridade e gratuidade da vida ainda se apegue a ela, mesmo que inconscientemente e julgando que a despreza por completo.

Por outro lado, para Ibbieta, seu riso é apenas uma atitude de desprezo perante a gratuidade da vida. Sua ironia, a tentativa cômica de satirizar os fascistas antes de ser por eles executado, acaba culminando no final trágico, no qual Gris é preso. A circunstância em que se dá tal desfecho já serve para deixar ainda mais claro para ele o vazio de significado da existência. Foi o acaso, como considera Franklin Leopoldo e Silva em seu livro *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*, que fez com que Ramón Gris, uma figura importante do grupo de Ibbieta na luta contra os fascistas na Espanha, fosse preso pelos inimigos graças a uma piada, excluindo assim qualquer heroísmo que pudesse existir no episódio. “Ibbieta concluiu que as coisas são tão desprovidas de sentido que o que sobra delas e de suas articulações é somente o cômico e o irônico” (SILVA, 2004, p. 109). Encontra-se aí outra indicação de seu desencanto com a existência, de sua atitude niilista perante a vida sabendo que o único fim dela é ter um fim e o que acontece entre o nascimento e a morte são apenas fatos casuais que não encontram sentido nenhum em si.

Vemos então que o mentir para si mesmo pode escapar à esfera consciente do ser. Ibbieta se acredita um niilista, um homem que nega a vida e nela vê apenas gratuidade; ele tem fé nisso, e se age de *má-fé* ao rir pela alegria de ainda ter uma chance de continuar com sua existência, tal alegria se manifesta de forma inconsciente, fugindo de sua interpretação sobre suas próprias considerações acerca de seu ser.

Pode-se concluir então que “O muro” se revela como uma forma de manifestação da filosofia de Sartre na literatura. Escrito pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o texto se revela profético, ao trazer uma concepção de homem desencantado com o mundo e com a vida, sem perspectiva, utilizando a falta de ação talvez como uma forma de protesto contra uma existência que acaba por tornar todas as tentativas de agir, de fazer algo, nulas e sem sentido.

Referências bibliográficas

SARTRE, J.-P. **O muro**. 20. ed. Tradução de H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1970.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. 9. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, F. L. e. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004 (Col. Biblioteca de Filosofia).